

## RESENHAS

DUBELAAR, C.N.

1986. The petroglyphs in the Guianas and adjacent areas of Brazil and Venezuela: An inventory with a comprehensive Bibliography of South American Petroglyphs. The Institut. of Calif., Los Angeles. *Monumenta Arqueológica*, 12; 326 p. 261 fig.

DUBELAAR, C.N.

1986. South American and Caribbean Petroglyphs. Foris Publ., Dordrecht/Riverton. 249 p.; 40 fig.; bibl. 31 p., Index. Caribbean Series, 3.

Recebemos, para resenha, duas obras do arqueólogo holandês C. N. Dubelaar, especialista da arqueologia do Caribe e das Antilhas.

A primeira, "The petroglyphs in Guianas and Adjacent Areas of Brazil and Venezuela" é basicamente um catálogo das obras rupes- tres levantadas (tanto pelo autor quanto por pesquisadores e naturalistas dos séculos XIX e XX), entre 0 - 8º N e 51 - 62º W. No total, são 92 sítios, reunindo cerca de 700 figuras, quase exclusivamente gravuras ("petrôglifos").

De pois de uma exposição da metodologia de campo, a qual inclui um cuidadoso levantamento fotográfico, localização precisa e fichamento, o autor esboça uma tipologia dos tipos de traço (aplai- namento, gravado picoteado ou polido, aproveitamento de relevos naturais, rebaixamento de superfície). Prossegue com o inventário dos sítios, por países: (pp. 17-229) Suriname, Guianas, áreas "vi-

*Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG*. Belo Horizonte. 10:

zinhas" (Venezuela e Brasil, este último representado com 24 sítios).

Para cada país, apresenta-se a bibliografia específica, uma descrição dos sítios (com os textos antigos no caso de se tratar de sítio não documentado pelo autor), e uma ilustração de cada figura.

A obra termina com uma exaustiva bibliografia sobre os petróglifos de toda a América do Sul.

No seu conjunto, a obra responde perfeitamente ao seu objetivo documental, com uma excelente documentação em preto e branco, mapas e croquis de localização muito claros. A bibliografia final, que abrange a totalidade da América do Sul parece excepcionalmente completa, pelo menos até o ano de 1978, incluindo obras muito pouco divulgadas. Lamentamos apenas que, durante o decorrer da obra, o autor não tenha advertido mais claramente os leitores a respeito do cuidado com o qual devem ser interpretados os desenhos de A. Ramos. Para o leitor especialista em petróglifos do Brasil, falta, por outra parte, um relatório mimeografado de M. Parnes e A.M. de Souza "Relatório de pesquisas arqueológicas no Ceará" (Rio 1971), com levantamentos exaustivos de petróglifos cearenses. Assinalamos também a publicação recente (1986) das pesquisas de P. Mentz Ribeiro no estado de Roraima, e as microfichas das Lapas do Veado e do Cabocho em Minas (N. Leite e M.A. Lima A. Prous, F. Paula e G. Silva, 1985).

Para o estudioso da arqueologia brasileira, fica uma frustração de ver excluída da obra uma parte da Amazônia sobre a qual se sabe muito pouco, e para a qual a erudição do autor teria certamente trazido informações de viajantes geralmente ignoradas.

Outra frustração, diante da massa e da qualidade da informação proposta, é a falta de um texto sintético que ordene os dados, embora isto não tenha sido a finalidade da obra. Um índice final teria sido também útil.

O segundo livro do mesmo autor, "South American and Caribbean Petroglyphs", preenche parcialmente estas falhas.

A primeira parte da obra (capítulos I - VIII) reúne, depois do histórico das pesquisas até agora realizadas no campo das gravuras rupestres, as informações presentes na bibliografia. Listam-se as observações sobre as técnicas de fabricação (cap. III),

*Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:*

os tipos de rocha-suporte, a orientação das figuras, os métodos e as tentativas de datação (cap. IV - VII). No capítulo VIII, aborda-se as interpretações feitas por leigos e arqueólogos. A acumulação de dados apresentados e discutidos pelo autor é por vezes fastidiosa, mas é compensada pela visão de tudo quanto foi descrito sobre o assunto. Mencionaremos, por exemplo, a teoria segundo a qual teria sido utilizado o látex de certas plantas para desagregar as rochas, facilitando o seu trabalho; em relação ao Brasil, a lembrança de que os holandeses fizeram inscrições rupestres (Baerlaeus 1641). As interpretações fornecidas por grupos indígenas a respeito das gravuras são também enriquecedoras; a idéia de C. Dubelaar de que certas gravuras pouco elaboradas (depressões e riscos) corresponderiam não a intenção de representar alguma coisa mas ao desejo de penetrar a rocha (para entrar em comunicação com sua força?) é interessante.

O capítulo VIII (distribuição e classificação geográfica) é o mais importante. C. Dubelaar escolhe 19 temas ("pilot motif", equivalentes dos tradicionais "fósseis-guias" da arqueologia) cuja repartição permitiria delimitar "províncias" rupestres, numa volta aos métodos dos anos 30, evidentemente com base numa documentação bem mais rica. Embora não neguemos a utilidade dos mapas de repartição temática, acreditamos que a tentativa do autor dificilmente terá sucesso em certas regiões como o Brasil central, por várias razões:

A primeira, é que muitos "temas guias" têm uma repartição muito mais vasta que a que o autor menciona; deveria se analisar os conjuntos de temas e não temas isolados, e precisaria estudar separadamente as diferentes tradições presentes em cada região (cf Prous, Lanna e Paula 1981). Assim sendo, verificar-se-ia provavelmente que o motivo "vulvar" descartado como "guia" por C. Dubelaar por ser frequente em muitas regiões, está na verdade associado apenas a um conjunto rupestre (que chamamos em 1980 de "tradição geométrica central", numa obra ainda manuscrita). Em compensação, a maioria dos temas escolhidos como "pilot motif" por serem aparentemente limitados geograficamente aparecem casual ou frequentemente em quase todo o Brasil central, seja pintados, ou seja gravados (temas das figuras 12A, C; 13A, B; 14A, B, C, D;

*Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 20:*

15A, B, C, D; mais raros: 16C, e talvez uma forma relacionada com 16B, muito comum).

E aqui chegamos ao que acreditamos ser um ponto importante: se algumas "tradições" rupestres se manifestaram essencialmente através de gravuras (Trad. "Itacoatiara" por ex.), outras utilizam pinturas tanto quanto gravuras (Tradição São Francisco em Montalvânia por ex.), dependendo das regiões; assim sendo o mapeamento dos motivos apenas quando gravados pode mascarar a continuidade geográfica de suas manifestações. O método só seria válido se cada cultura pré-histórica tivesse se expressado apenas através de pinturas ou através de gravuras, o que não acreditamos.

Para finalizar, diremos que a primeira obra apresentada é um modelo que deve nos incentivar a apresentar a documentação de maneira sistematizada e aproveitável para os estudiosos. A segunda é preciosa por reunir uma farta documentação sobre as opiniões e teorias já publicadas, devidamente criticadas pelo autor; os quadros de repartição temática são úteis, embora fadados a serem logo ultrapassados. O ponto mais fraco é certamente a tentativa de estabelecer as regiões "petroglíficas". A propósito da excelente bibliografia, apenas lembraremos a existência de um mapa dos sítios rupestres brasileiros, que embora contenha várias imprecisões, tem relevância para o assunto (Albano 1979/80).

André Prous

Bibliografia citada

ALBANO, Rosangela.

1979/80. Bibliografia sobre arte rupestre brasileira. *Arquivos do Museu de História Natural*. Belo Horizonte, IV - V:185-88. bibl. 1 mapa.

LEITE, N. & LIMA, M.A.

1985. L'Art rupestre de la Lapa do Veado, Januária/Montalvânia, Brésil (microfichas com pranchas a cores). Institut d'Ethnologie, Paris.

PARNES, M. & SOUZA, A.M. de.

1971. Relatório das pesquisas arqueológicas no Ceará. Rio de Janeiro, Centro de Investigação Arqueológica, 146p. il., mimeo.

PROUS, A.; LANNA, A.L. & PAULA, F.L. de.

1980. Estilística e cronologia na arte rupestre de Minas Gerais. *Pesquisas; sér. antropologia*, São Leopoldo, 37:121-46, 1 mapa, 5 pranchas, bibl. (Estudos de Arqueologia e Pré-História Brasileira em homenagem de T.A. Rusins).

PROUS, A.; PAULA, F.L. & SILVA, G.R.

1985. La Lapa do Caboclo, Januária, Brésil. (microfichas com pranchas a cores), Institut. d'Ethnologie, Paris.

RIBEIRO, P.A.M.; RIBEIRO, C.T.; GUAPINDAIA, V.L.C.; PINTO, F. C. B. & FÉLIX, L.A.

1986. Projeto arqueológico de salvamento na região de Boa Vista, Território Federal de Roraima, Brasil - segunda etapa de campo (1985). Nota Prévia. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul, 13:33-88. bibl., 55 fig.